

**C**OM o alvorecer do Renascimento, cessam as rixas palavreiras e começa-se a investigação dos factos. As cabriolas dialecticas no vácuo vão dar lugar ao exame metódico dos fenómenos. O argumento de autoridade vai dar o passo à experiência do «claramente visto».

A hipótese, na investigação científica, é luz entornada sobre a obscuridade dos fenómenos. Vem depois a experimentação e, ou apaga a luz, ou lhe dá maior fulgor.

Macaulay não sentia grandes entusiasmos perante a «genial» sistematização da indução por Bacon, porque, dizia elle, a indução conhece-a o homem desde tempos imemoriaes. Exemplifica assim: «O homem que conclui que empadinhas de frutas lhe fazem mal, porque quando as come adoece e quando não as come passa bem, adoeecendo mais se comeu mais, e menos se comeu menos, empregou, inconsciente mas sufficientemente, tôdas as tábuas do *Novum Organon*». Com seus três anos de idade, diz um dos meus meninos, muito bacchanlamente: «Quando falavam os tovarões (trovões) vem sempre a chuva».

A pobreza de vida interior está na razão inversa da facilidade com que suportamos a barulheira. Estamos hoje vivendo sob o signo da barulheira. Pois tanto monta dizer que se passa pelo mundo uma profunda crise de vida interior.

Levado dos seus futuros eugénicos, queria Schopenhauer que os melhores casassem com os melhores, devendo o amor ficar reservado para a «canalha». Casar por amor é, em muitos casos, um atentado à espécie, porque o amor, sendo cego, não olha ao futuro. Com o pretexto de que é por amor, vemos alcoólatras, e tísicos, e aleijados, e mentecaptos, casar, sem se lembrarem de que darão ao mundo seres indesejáveis.

Nas suas viagens através do mundo, Keyserling teve a veleidade de chegar, vêr, e compreender. Mas quem nos diz a nós que não lhe aconteceria a elle (se acaso prolongasse a sua estadia nos países que visitou) o que aconteceu a certo francês que foi à Inglaterra com o propósito de escrever um livro sobre esta? Com o francês ter-se-ia passado o seguinte: Três meses depois de lá estar, achou que não estava preparado; e, passados

## de CRUZ MALPIQUE

três anos, chegou à conclusão de que nada sabia da Inglaterra...

Falando de Voltaire, dizia Anatólio France que a pena na sua mão voava e ria ao mesmo tempo. Talvez sem querer, o autor do *Jardim de Epicuro* biografa-se a si próprio.

Somos pó levantado, e logo pó caído. Um sópro nos traz, e outro nos leva. A vida lembra uma câmara escura, onde, por estreito orificio, penetra um raio de luz. Nós somos as efémeras poalhas um momento douradas por essa luz, e logo volvidas às trevas.

Nunca, como nestes dias em que vivemos sob o signo da balbúrdia e da barulheira, se tornou tão necessária a criação de ilhas de silêncio. Só na solidão é possível a vida interior, o debruço sobre nós próprios, a criação da beleza, a vida do pensamento. E sem vida interior, beleza, pensamento e sagesa, não é temeridade nenhuma o afirmarmos que a civilização tem seus dias contados.

A educação não pode passar de alto sobre a questão do sexo. Desviar a mulher da maternidade (quando ella física e espiritualmente fôr apta para tal), encaminhando-a para os ideaes masculinos, é fazer duas infelidades de uma só vez: a infelicidade dela e a nossa. Não há decretos que revoguem o sexo.

Movemo-nos muito—loucamente mesmo—mas nunca repositamos tanto de corpo. Deixámos de experimentar o saudável sentimento da fadiga corporal que outróra experimentávamos nos longos passeios a pé, na ascensão à montanha, na cavalaria, na lavoura... A máquina dispensou-nos do esforço físico, hoje reconhecido essencial para riqueza e equilíbrio do organismo. Viajamos no cómodo automóvel, no almofadado comboio, no avião. Já não subimos escadas. O ascensor e o eléctrico substituíram-se às pernas, mesmo nas pequenas distâncias. Corporalmente somos menos homens que outróra.

Quimicamente, a nossa vida não se amigülla: transfigura-se, transforma-se. Vida e morte constituem um ciclo fechado: aquella alimentando-se da morte, esta alimentando-se da vida. O estrume é morte que alimenta

a vida, e só por isso elle merecia um poema. A história do homem—que tanto monta dizer a civilização—entronca directamente no estrume. Sem elle, nem plantas, nem animais, nem homens. Sem elle, a gerar a vida da planta e a vida dos animais portanto, impossível a existência do homem à superficie da terra. Passam as gerações. Só o estérco fica, sempre aumentado, fermento indestrutível da vida. Tudo o tempo esboroa: os homens, a sua dor, os seus poemas, as suas obras de arte, a sua casa. O estrume êsse eterniza-se, para eternizar a vida—a vida da relva em que nos rebolamos, a vida árvore cuja sombra gozamos, a vida da mulher a quem amamos. «O estérco»—diz uma personagem de Raúl Brandão—«é elle que nos suja e é elle que nos limpa.» O estrume é simultaneamente morte e vida. Nós somos sepulturas da morte, celeiros da corrupção. Vivemos da morte alheia, e outros viverão da nossa morte.

Quasi tôda a vida é polarizada pelas idéas que os grandes mortos nos deixaram.

Se fazemos programa de vida nova, teremos que nos despir do homem velho. De contrário, é mais uma boa intenção que atiramos para o Inferno, sendo possível que êste a vomite, enjoadado.

E' péssimo axioma o de supormos que não podemos recmeçar a nossa vida. Vai nisso muita preguiça e muito pouca vergonha.

Antigamente, herdava o homem a bem dizer, uma vida feita, acabadinha, sendo só chegar e envergá-la. Tinhamos uma religião dogmática para usar sem na discutir, uma fisticomia official para aceitar sem reservas, um regime político para lhe obedecer sem revolta, e um regime de castas quasi nos assegurava, automaticamente, um lugarzinho na vida. Hoje, a coisa fia mais áspero:—Os lugares temos que conquistá-los, e, num mundo onde o dogmatismo vai fazendo o seu tempo, temos nós que escolher a nossa religião, a nossa filosofia, a nossa política, o que tudo implica doloroso trabalho.

Se dos gregos se diz que foram êles que sonharam o mais belo sonho da vida,—dos cristãos se poderia dizer que sonharam o mais belo sonho da morte. Para os gregos, o paraíso estava antes da morte, ao passo que para o cristão passou a estar depois da vida.